



O SOLDADO NA GUERRA MODERNA

Roberto Miscov Filho

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado e escrito contra a guerra; desde os "hippies" até os mais sisudos pensadores, uma larga faixa de mentalidades não hesita em externar, de modo veemente, sua idiossincrasia com respeito ao conflito armado. Os meios de comunicação divulgam, quase diariamente, uma ou outra manifestação de tendência pacifista.

O problema que nos deixa algo curiosos ou perplexos é o seguinte: abstraindo a maior facilidade hoje existente para a divulgação de idéias, teria ocorrido em outras épocas a mesma campanha contra a guerra? O movimento "pacifista" já existia em séculos passados ou é genuíno produto do século XX?

E quando falamos século XX, não nos estamos atendo à sua segunda metade, isso é, à fase posterior a Hiroshima e Nagasaki.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Vejam algumas páginas do passado:
— Recentemente, a televisão exibiu o filme "Guerra e Paz", baseado no romance homônimo de Tolstói; uma das cenas mais impressionantes é a da batalha de Borodino, travada em 7 de setembro de 1812, onde vemos a infantaria francesa *marchando* impávida ao som dos tambores contra os canhões inimigos.

— A "Carga da Brigada Ligeira" não é uma ficção épica de Tennyson; ela realmente ocorreu em Balaclava, em 25 de outubro de 1854, quando, ao comando de Lord Cardigan, heróicos cavaleiros ingleses carregaram contra baterias da artilharia russa (guerra da Criméia)¹.

— Em 24 de maio de 1865, o Brigadeiro Antonio de Sampaio, no terreno úmido de Tuiuti, à frente de sua famosa "Divisão Encouraçada" resistiu bravamente à carga da numerosa tropa inimi-

ga, saindo ele mesmo ferido três vezes, vindo a morrer em consequência dos ferimentos. Estoicamente, após receber o terceiro tiro, ainda pôde falar ao mensageiro que levava ao General Osório o pedido de substituição: "Olhe, Sr. Alferes, diga ao General que este é o terceiro ferimento".²

— Em 25 de junho de 1876, o legendário General George Armstrong Custer, na região do Little Big Horn, dispôs os homens do 7º de Cavalaria a pé, em formação de quadrado e com eles resistiu, até o amargo fim, ao cerco dos pele-vermelhas muito mais numerosos.³

Os exemplos acima citados são apenas quatro entre centenas de possível achado em uma pesquisa histórica, todos levando à mesma conclusão: ainda descontado algum exagero romântico de poetas ou historiadores, os combates do passado condicionavam atos de galante heroísmo. E os combates modernos?

A GUERRA ATUAL

Tem sido sobejamente glosado o mote: "a tecnologia na guerra moderna"; nós mesmos, na condição de Oficial QEM—Comunicações, poderíamos enfatizar, por exemplo, a importância dos recursos atuais do raio LASER, das PABX's eletrônicas, dos sistemas PCM/DELTA, do satélite artificial etc.

Entretanto, gostaríamos de abordar outro aspecto fortemente característico da guerra atual. Para fins de raciocínio, vejamos como pequeno exemplo os seguintes dados numéricos, fornecidos por companheiros de Artilharia e de Infantaria:

— *Obus 155 mm:*

- alcance útil: 12.800 m (12,8 km)
- raio de alcance da granada: 40 (quarenta) metros

- número aproximado de estilhaços: 1.800 (mil e oitocentos)

— *Morteiro pesado 120 mm:*

- alcance útil: 4.000 m (4 km)
- raio de ação da granada: 30 (trinta) metros
- número aproximado de estilhaços: 2.000 (dois mil)

Além desses dados, convém lembrar o ruído da explosão, ruído cujo nível provavelmente deve chegar aos 120 decibéis (120 dB), ou seja: até o limiar da dor, bem como o efeito demolidor do sopro da arrebentação sobre as edificações.

A respeito do ruído convinha comentar uma propriedade da nossa audição. O ouvido humano tem o chamado "limiar de percepção", isso é, o menor nível acústico que pode ser detectado pelo homem. Quando somos submetidos a uma pressão acústica mais forte, esse limiar sobe, isso é, vai para um nível mais alto; cessada a pressão, o limiar retorna ao valor mais baixo. Entretanto, se a forte pressão acústica for contínua, periódica (caso dos freqüentadores assíduos das discoteques), o limiar sobe e estaciona, não regredindo mais.⁴

Podemos imaginar o seguinte quadro: um soldado, após vários dias ou horas sob contínuo bombardeio, é colocado de vigia em posição avançada; ele poderá deixar de ouvir o "comando" que rasteja próximo com a faca pronta para matar a sentinela.

Além das armas tradicionais de tiro curto e longo alcance, poderíamos citar ainda as minas anti-pessoal, os lança-chamas, os canhões sem recuo, os foguetes etc, sem falar nas metralhadoras e outros engenhos.

O poder *destruidor*, isso é, mais do que matador, das armas atuais, é niti-

damente superior ao dos antigos armamentos; o efeito dessa potência destruidora sobre a tropa visada pode ser observado através do impacto *psicológico* no combatente.

Sobre esse aspecto, dois importantes jornais do Rio de Janeiro publicaram⁵ recentemente notícia a respeito do filme documentário "LET THERE BE LIGHT". Filmado em 1945 por encomenda do "Signal Corps", o filme de John Huston mostra de que modo um grupo de psiquiatras do Exército conseguiu recuperar (através da hipnose ou de um tratamento analítico) homens que voltaram da guerra com problemas psicológicos que os impediam de falar, de andar, de ouvir, ou que os deixavam paralisados de medo no escuro da noite.

Falamos acima sobre efeitos de armas de tiro curvo; considerando agora o alcance de utilização do armamento leve (p. ex. o FAL-7.62 - Mod 1964) igual a 600 metros (sem luneta), o soldado pode abater seu inimigo a uma distância onde não poderá distinguir os detalhes do rosto, a cor dos olhos, etc, do "alvo".

Somando tal possibilidade do fuzil ao poder destruidor das granadas da artilharia, das minas e dos morteiros, ao calor tórrido dos lança-chamas e bombas incendiárias, somos levados a formular a seguinte questão:

- "Na guerra moderna, o soldado é de fato um *combatente* ou um *matador* mais eficiente?"

Essa questão pode parecer irrelevante se analisada de um ponto de vista pragmático, indiferente ao fator humano e mais preocupado com o resultado final da batalha (é o ponto de vista adotado pelos nazistas ou pelos comunistas).

Entretanto, está fora de dúvida a existência de um emaranhado de tensões, de pressões a que fica submetido

cada combatente quando se *aproxima* do inimigo.

A luta corpo a corpo, talvez mais sanguinolenta porém, paradoxalmente, mais humana, vai ficando cada vez mais rara. Lutar contra quem, se, ao galgar a trincheira inimiga, vamos achar apenas corpos despedaçados ou cadáveres calcinados ou ainda sonâmbulos enloquecidos e sem vontade de brigar?

Sobre o tema da destruição, convinha lembrar uma anedota da 2ª Guerra Mundial. Um soldado americano prendera um japonês após um combate em ilha do Pacífico. Entabulando conversa com o inimigo, o americano pergunta qual, na opinião do japonês, seria o melhor combatente na selva. O outro responde que em primeiro lugar está o filipino, em segundo o japonês, em terceiro o australiano e em quarto o inglês. O "yankee", desapontado, desabafa:

- "E o americano?"

Ao que o filho do Sol Nascente responde:

- "Americano não luta selva, americano destrói selva!"

CONCLUSÃO

A digressão apresentada não pretende ser conclusiva; faltam-nos dados que permitiriam análise mais completa. Por exemplo: em alguns trabalhos modernos escritos por oficiais médicos brasileiros não vimos nenhuma referência a problemas de neurose surgida entre os combatentes da guerra do Paraguai.

É preciso lembrar que a moderna psicologia experimental começa a surgir no final do século XIX; basta olhar os nomes dos principais autores, suas notáveis obras e respectivas datas.⁶

- Wundt - "Grundzüge der Physiologischen Psychologie" (1872);

- Angelo Mosso - "La Paura" (1896), "La Fatica" (1903);
- Gustave Le Bon - "La Psychologie des Foules" (1895);
- Freud - "Studien Uber Hysterie" (1895)

e outros.

(OBS.: O autor deste artigo *não* leu as obras citadas; elas apenas estão aqui referidas, com as respectivas datas, para melhor caracterizar a situação cronológica dos estudos).

Assim, os frutos da pesquisa desses doutos só poderiam ser aproveitados a partir do início do século XX quando, então, principia de modo maciço e generalizado o emprego de armas pesadas, de longo alcance e forte poder destruidor.

Parece-nos evidente um fato: muito mais que o preparo físico, muito mais que a perícia no tiro, muito mais que a habilidade no aproveitamento do terreno, a guerra moderna exige do Combatente um condicionamento para torná-lo o menos vulnerável possível ao impacto psicológico da destruição.

Resta um problema: como conseguir tal condicionamento em tempo de paz?

Nossos regulamentos e manuais ensinam-nos como atirar, como progredir buscando cobertas e abrigos, como fazer educação física e dar os primeiros socorros, como ler e interpretar cartas topográficas, como obter informações, como criptografar mensagens, como operar rádios e telefones. Não há um manual para ensinar como suportar com sangue frio um bombardeio contínuo e ainda ter capacidade de lutar, *sem* o fanatismo suicida dos defensores de Iwo Jima...

As considerações anteriores parecem dar excepcional relevância a três fatores, sempre importantes no passado e agora mais ainda:

a) a liderança autêntica - isso é, o chefe profundamente solidário com os seus subordinados e capaz de elevar-lhes o ânimo em meio as piores circunstâncias (faz lembrar o general americano que, cercado juntamente com suas tropas em Bastogne, respondeu laconicamente ao ultimato de rendição: NUTS!);

b) a camaradagem sadia - isso é, o convívio onde, ausente o "zele de amargura", reinem a amizade e o respeito mútuo entre os companheiros, mantendo-os coesos face ao perigo;



O Cel ROBERTO MISCOW FILHO pertence ao Quadro de Engenheiros Militares e possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras (Infantaria), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Comunicações) e do Instituto Militar de Engenharia (Engenheiro de Comunicações e Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica).

Prestou serviços no 13º Batalhão de Caçadores, Joinville-SC (1953-1956), na Academia Militar das Agulhas Negras (1957-1958) e no Serviço Rádio do Ministério do Exército (1963-1968). Atualmente é o Chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa do Instituto Militar de Engenharia (IME).

c) por último, e talvez o mais importante, a crença em valores pelos quais vale a pena lutar; isso é tanto mais crítico nesta época pragmática e anti-intelectual, onde se assinam acordos como o de Munique e o de Ialta e em que o suicídio pela fome e o terrorismo são usados como arma de guerra.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Enciclopédia Britânica — ed. 1951.
- 2) História do Exército Brasileiro — EME — (1972).
- 3) Enciclopédia Britânica — ed. 1951.
- 4) W. A. Ainsworth — "Mechanisms of Speech Recognition" — Pergamon Press (1976).
- 5) Ver p. ex. "Jornal do Brasil" — 19 mai 81.
- 6) Enciclopédia Britânica — ed. 1951.